



Universidade Federal
da Bahia - UFBA



Centro Colaborador
Vigilância dos Acidentes de Trabalho



MAIO/2013 – Edição nº6, ano III

BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO ACIDENTES DE TRABALHO EM MOTORISTAS DO TRANSPORTE DE CARGA

INFORME DO CENTRO COLABORADOR UFBA/ISC/PISAT – MS/DSAST/CGSAT

MORBIMORTALIDADE POR ACIDENTES DE TRABALHO EM MOTORISTAS DO TRANSPORTE DE CARGA, 2006-2012

O Brasil é um país de dimensão continental e requer uma ampla rede de transporte para circulação de pessoas, insumos, e diversos tipos de produtos. Isso é feito por vários meios de transporte, mas é o rodoviário o de maior importância estratégica. Ele concentra o maior número de trabalhadores, empregados formais registrados ou autônomos, e representa aproximadamente 6% do Produto Interno Bruto (IPEA)¹. Entretanto, são muitos os problemas estruturais do transporte de carga no Brasil, reconhecidos como importantes desafios para o crescimento e a sustentação do desenvolvimento econômico. Isto parece resultar de uma crônica falta de investimentos, precária regulação e fiscalização, malha rodoviária insuficiente, bem como a sua manutenção, falta de segurança, dentre outros fatores que levam à baixa produtividade¹.

Em 2012, de acordo com o Ministério dos Transportes, apenas 35% da malha rodoviária era boa ou excelente, apesar do lançamento do Plano Nacional de Logística e Transportes, PNLT, elaborado conjuntamente com o Ministério da Defesa em 2006. Esse Plano previa: 1) preservação do patrimônio com recuperação, conservação, sinalização e melhoria da qualidade das rodovias federais; 2) ampliação do processo de pesagem de cargas de modo a garantir a preservação das condições das rodovias; 3) controle de velocidade com vistas à redução dos acidentes². Mais tarde, em 2009, foi formado o Grupo de Trabalho sobre Transporte Rodoviário de Carga composto por representantes sindicais e patronais, do Ministério da Saúde, além de um integrante da Comissão Tripartite de Saúde e Segurança no Trabalho. O objetivo era consolidar políticas públicas de saúde e segurança voltadas para a proteção de motoristas do transporte de carga.

Em todo o mundo, estudos demonstram o elevado custo social das más condições de trabalho dos motoristas do transporte de carga, o que se reflete na alta mortalidade por acidentes de trabalho (Boletim no. 1). Nesses estudos, a maioria dos acidentes de trabalho fatais entre esses trabalhadores ocorre em rodovias, e as causas mais comuns a fadiga, resultante de longas jornadas e repouso insuficiente, o consumo de drogas, energéticos ou bebidas alcoólicas, e também o excesso de velocidade, direção perigosa com ultrapassagens indevidas, condições climáticas desfavoráveis, e grande intensidade de tráfego, e a violência associada a assaltos.

Neste informe apresentam-se a distribuição dos óbitos e do coeficiente de mortalidade por acidentes de trabalho entre motoristas do transporte de carga no Brasil, com dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade, SIM, além de indicadores alternativos do nível de perigo enfrentado como as razões acidente:frota de caminhões e acidentes:extensão da malha rodoviária medida em quilômetros (km). Para os acidentes de trabalho não fatais, apresentam-se as características dos casos notificados no Sistema Nacional de Agravos de Notificação (Sinan), da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS), ainda pouco registrados devido a sua etapa de implantação para os agravos relacionados ao trabalho.

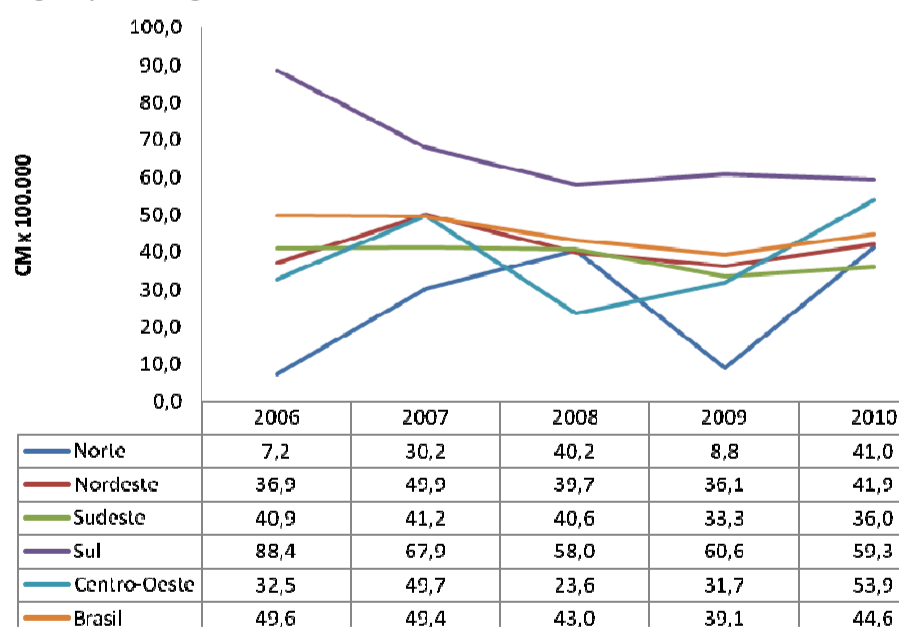


Ilustração: Imagens da Hora –
http://www.imagensdahora.com.br/clipart/cliparts_path/2059/caminhao_02/

MORTALIDADE POR ACIDENTES DE TRABALHO ENTRE MOTORISTAS DO TRANSPORTE DE CARGAS NO BRASIL

Os óbitos por acidente de trabalho em motoristas do transporte de carga foram estudados com dados provenientes de Declarações de Óbito emitidas em 2006 a 2010. Para identificação desses casos empregaram-se três critérios: 1) ocupação - todos os casos cujas ocupações correspondiam aos códigos da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO): 7825.05 - caminhoneiro - envolvendo autônomos (rotas regionais e internacionais), caminhoneiros caçambeiros, carreteiros, de transporte animal, caminhões basculantes, caminhão leve, caminhão pipa, betoneira, e caminhão-tanque, e também os 7825.10 - motoristas de caminhão-carreta; 2) registro como acidente de trabalho no campo específico da Declaração de Óbito <acidtrab> para Causas Externas; 3) diagnóstico CID-10 - para identificar os casos não-registrados dentre os demais óbitos não enquadrados nos dois critérios anteriores, selecionaram-se aqueles cuja causa básica de morte havia sido classificada no Capítulo XIX - Lesões, envenenamentos e afogamentos, e Capítulo XX - Causas Externas.

Figura 1. Coeficiente de mortalidade (CM/100.000) por acidentes de trabalho em motoristas do transporte de carga, por região e ano, 2006-2010. Brasil



Fonte: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), 2006-2010, PNAD, 2006-2009 e IBGE - Censo 2010.

Cada um deles foi rastreado individualmente para verificar se o código CID-10 indicava mortes relacionadas a ocupantes e/ou motoristas de caminhões ou de veículos pesados de carga. Casos deveriam atender necessariamente ao critério 1, e pelo menos um dos demais, no. 2 e 3. A população de motoristas de transporte de carga foi obtida com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, PNAD, e do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas, IPEA.

Entre 2006 e 2010 identificaram-se 1.593 óbitos por acidentes de trabalho em motoristas de transporte de carga no Brasil. Isto corresponde a um coeficiente de mortalidade por acidente de trabalho em motoristas do transporte de carga de 49,6/100.000 em 2006, e 44,6/100.000 em 2010, redução de 10,1% no período (Figura 1). Houve aumento do coeficiente de mortalidade nas regiões Norte (469%), Centro-Oeste (65,8%) e Nordeste (13,5%). Notar que há uma tendência de elevação entre 2009 e 2010. No Brasil, a mortalidade por acidentes de trabalho entre todos os trabalhadores também vem declinando na última década chegando a 49% entre 2000 e 2007 (Boletim no. 1).

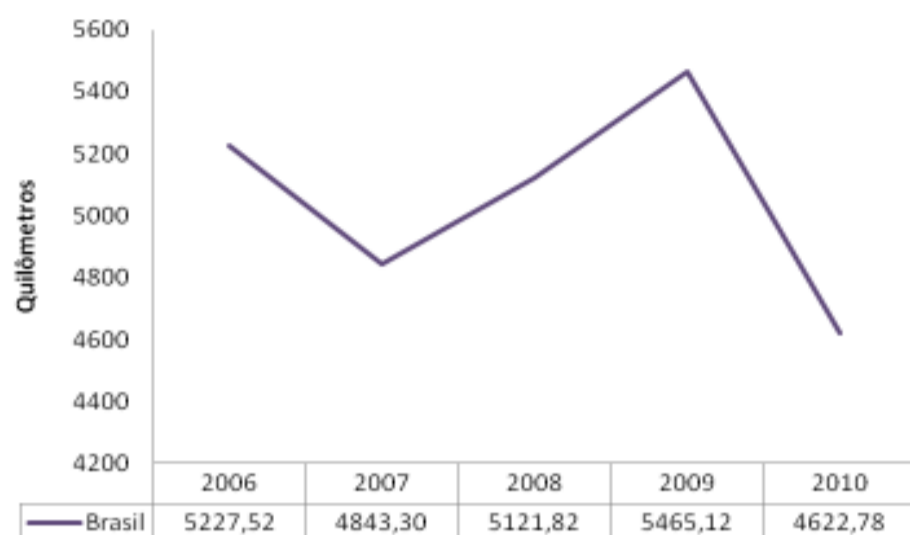
MORTALIDADE PROPORCIONAL POR ACIDENTES DE TRABALHO DENTRE AS CAUSAS EXTERNAS

Considerando todos os casos de mortes por acidentes (Cap. XIX e Cap. XX da CID-10) ocorridos em motoristas de transporte de carga, de 2006 a 2010, a proporção de acidentes de trabalho foi 33,3%. Ou seja, um terço dos acidentes foi devido a acidentes de trabalho.

Dentre esses óbitos, as causas básicas mais comuns foram: 1º) V68.5 - Ocupante de um veículo de transporte pesado traumatizado em um acidente de transporte sem colisão ou condutor [motorista] traumatizado em um acidente de trânsito (18,20%); 2º) V64.5-Ocupante de um veículo de transporte pesado traumatizado em colisão com um outro veículo de transporte pesado, ou um ônibus ou condutor [motorista] traumatizado em um acidente de trânsito (12,68%); e em 3º) V89.2 - Pessoa traumatizada em um acidente de trânsito com um veículo a motor não especificado (9,29%). Note que todos são motoristas de transporte de carga segundo os critérios empregados para definição de caso. Todos os óbitos foram do sexo masculino.

AS ESTRADAS ESTÃO FICANDO MAIS PERIGOSAS PARA OS MOTORISTAS DO TRANSPORTE DE CARGA

Figura 2. Razão óbito por acidente de trabalho entre motoristas do transporte de carga e quilômetro (km) de rodovia (óbito:km de rodovia), por ano, 2006-2010. Brasil



Fonte: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) e Confederação Nacional dos Transportes (CNT), 2006-2010.



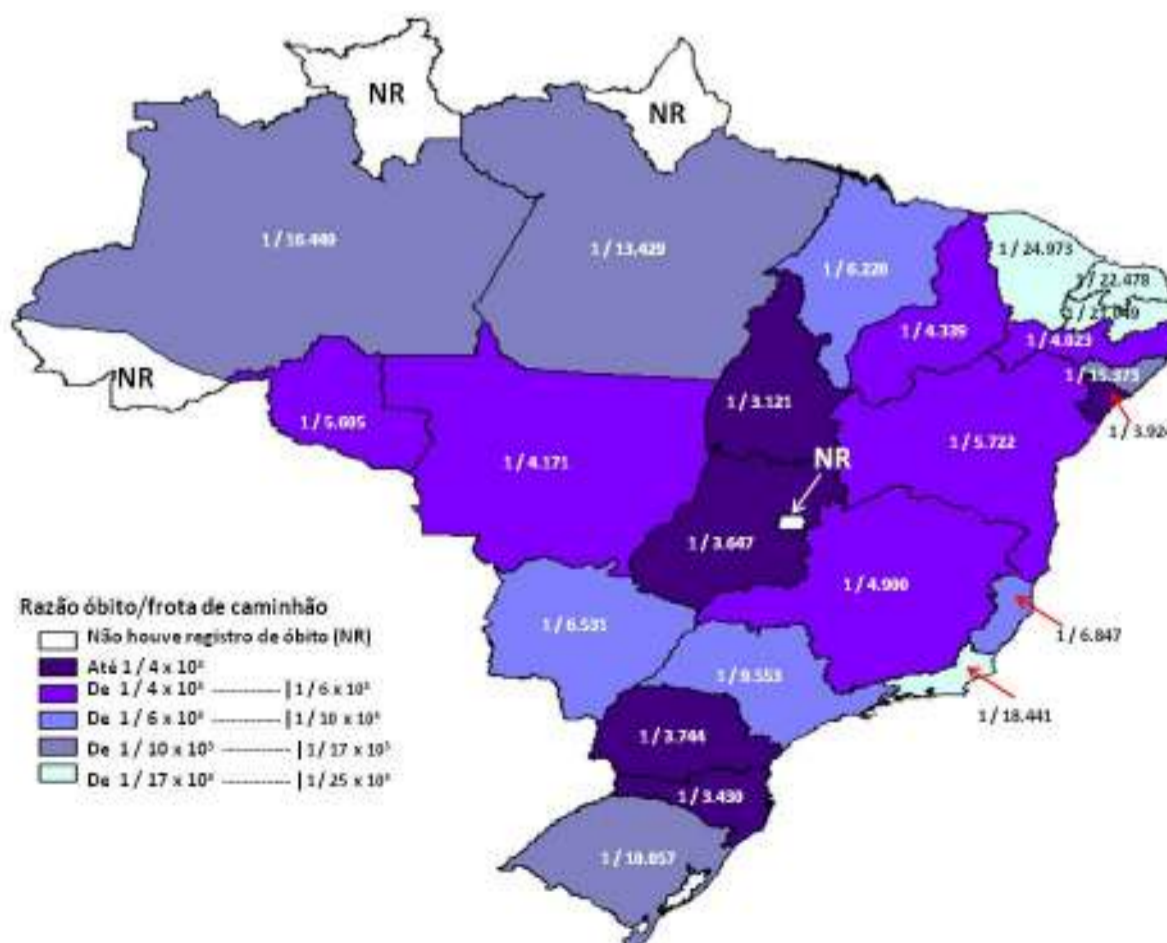
Ilustração: Alface com Café

<http://chicletedecarnemoida.blogspot.com.br/2012/06/30-de-junho-dia-do-caminhoneiro.html>

Na Figura 2 observa-se a razão óbito:km de rodovia vem oscilando, com queda entre 2006 e 2007, elevando-se até 2009, caindo em 2010 novamente. Note que a interpretação desses dados merece cuidado, pois quanto menor a razão óbito:km de rodovia pior a situação para os motoristas do transporte de carga. Analisando-se todo o período, a tendência geral foi de queda, ou seja, de pior situação para esses trabalhadores. Em outras palavras, em 2006 houve um acidente para cada 5.227,57 km de rodovia no Brasil, enquanto que em 2010 ocorreu um acidente para cada 4.622,78 km, respectivamente.

Na Figura 3 apresenta-se a razão óbito por acidente de trabalho em motoristas de transporte de carga e número de caminhões respectivos (óbito:número de caminhões) para 2010. Verifica-se grande variação entre as unidades da Federação, com pior situação em Tocantins (1 óbito por acidente de trabalho de motoristas para cada 3.121 caminhões em um ano), seguido por Santa Catarina (1:3.430), Goiás (1:3.647 caminhões), Paraná (1:3.744) e Sergipe (1:3.924). Não foram encontrados acidentes de trabalho fatais registrados no SIM nos estados do Acre, Amapá, Roraima, e também no Distrito Federal.

Figura 3. Razão óbito por acidente de trabalho em motoristas do transporte de carga por número de caminhões, segundo Unidade da Federação, 2010. Brasil



Fonte: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), 2010, e Departamento Nacional de Trânsito (DENATRAN), 2010.

No SINAN notificam-se casos de acidentes de trabalho graves para todos os trabalhadores do País. Para a identificação dos casos, foi empregado o critério Diagnóstico CID-10 – selecionaram-se aqueles cuja causa externa havia sido classificada no Capítulo XX (Causas Externas) e estavam diretamente relacionadas à motoristas do transporte de cargas (V60, V61, V62, V63, V64, V67, V68 e V69). Com dados desse sistema, encontraram-se 1.754 casos de acidente de trabalho grave envolvendo trabalhadores do transporte de carga entre 2006 e 2012. Dentre esses, 296 foram a óbito, o que corresponde a uma letalidade de 16,9%. Vale ressaltar que há ainda grande subregistro de acidentes de trabalho no SINAN. Em 2009 contava com apenas 734 (13,2%) municípios notificando acidentes de trabalho grave.

Ainda no SINAN, a proporção de casos de acidentes de trabalho entre motoristas de transporte de carga, não registrados ou informais, foi apenas 29,6%. Isto contrasta com evidências de grande número de autônomos entre os motoristas de transporte de carga. Isso evidencia iniquidades da notificação, desfavoráveis a esses trabalhadores. Maiores proporções de casos foram estimadas para os de 35-54 anos de idade, com menor escolaridade (menos que o fundamental), e ocorrências diurnas. Casos de motoristas sem contrato formal de trabalho se concentraram em idades mais velhas. Entre os registros de celetistas, a Comunicação de Acidente de Trabalho, CAT, foi emitida em todos os casos elegíveis.

Tabela 1: Características sócio-demográficas dos trabalhadores do transporte de carga vítimas de acidente de trabalho. Brasil, 2006-2012.

Variáveis	Situação no mercado de trabalho			
	Informal		Formal	
	N=479	29,6%	N=1.142	70,4%
Faixa-etária (anos)				
18-24	48	10,4	148	13,1
25-34	125	27,0	406	35,9
35-54	223	48,2	493	43,6
>=55	67	14,5	84	7,4
Escolaridade				
Ensino primário	37	95,9	767	95,9
Ensino fundamental	16	4,1	33	4,1
Superior	--	--	--	--
Horário de ocorrência				
Manhã	160	35,8	380	35,9
Tarde	137	30,6	357	33,7
Noite	150	33,6	321	30,3
CAT foi emitida	NSA	--	1.142	100,0

Fonte: Sistema Nacional de Agravos de Notificação (Sinan)/MS, 2006-2012.
* Dados atualizados em 01/04/2012.

Motoristas de transporte de carga representam um expressivo grupo de trabalhadores no Brasil, têm um papel importante para a produção econômica, mas sofrem com o elevado risco de sofrer acidentes de trabalho grave. Políticas e programas visando à redução desses acidentes precisam ser urgentemente implementadas.

Colaboraram na elaboração deste Boletim: Vilma Santana, Maria Cláudia Peres Moura, Francisco Pedra, Heleno Corrêa, Jorge Venâncio e Luiz Belino.

Centro Colaborador em Vigilância dos Acidentes de Trabalho, Instituto de Saúde Coletiva, Campus Universitário do Canela, Rua Augusto Vianna s/n, Salvador Bahia, 40110-060. Fone: 71-3336-0034

Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador, Coordenação Geral de Saúde do Trabalhador.

Dados do SINAN foram cedidos pelos técnicos da Análise de Situação de Saúde Ambiental e do Trabalhador, Asisast, Ministério da Saúde.



Referências

- 1- Wanke P & Fleury PF Transporte de cargas no brasil: estudo exploratório das principais variáveis relacionadas aos diferentes modais e às suas estruturas de custos. In. IPEA. Capítulo 12, 2006 56pp. http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/capitulo_12_transportes.pdf
- 2- Perrupato M. Plano Nacional de Logística e Transportes - *Permanente, Intermodal, Participativo e Integrado* Um Plano de Estado, Nacional e Federativo. Apresentação disponível na internet: www.transportes.gov.br/public/publicacoes/2012/04/2012042012042.d.eWU